

# PROBLEMAS DE RETÓRICA: A HISTÓRIA MILITAR NO BRASIL, POR INÁCIO BARBOSA MACHADO<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Mendes de MORAES (FCL Assis – UNESP)

**RESUMO:** Os manuscritos do acadêmico Inácio Barbosa Machado sobre a História Militar do Brasil na Academia Brasílica dos Esquecidos estiveram desaparecidos durante anos. Este trabalho retoma o itinerário do documento pelas bibliotecas brasileiras e portuguesas, assim como os problemas de retórica, responsáveis pelo destino do texto.

**RESUMÉE:** Les manuscrits de l'académicien Inácio Barbosa Machado, sur l'Histoire Militaire du Brésil dans *l'Academia Brasílica dos Esquecidos* se sont longtemps disparus. Ce travail reprend l'itinéraire du document dans les Bibliothèques brésiliennes et portugaises ainsi que les problèmes de rhétorique, responsables de la destination du texte.

## 1. Palavras iniciais

As dissertações sobre a História Militar do Brasil, compostas pelo acadêmico Inácio Barbosa Machado em junho de 1725, são os únicos textos não publicados n'*O movimento academicista no Brasil* (CASTELLO, 1969-1971) a respeito da Academia Brasílica dos Esquecidos. A pesquisa sobre o destino desse documento levou-nos a ultrapassar os limites da pesquisa do manuscrito, adentrando o campo da análise do seu conteúdo. Neste trabalho, apresentaremos alguns resultados desta pesquisa, baseados nas possibilidades de “censura” que o texto poderia vir a sofrer, em virtude de problemas na sua elaboração, pois as orientações retóricas da época permitiriam, em primeira análise, “descartar” o seu conteúdo, em virtude de uma redação com deficiências, o que não ocorreu graças à influência do autor no meio letrado da América Portuguesa - sócio fundador da Academia e irmão do bibliógrafo Diogo Barbosa Machado. Discutiremos também o “desaparecimento” do manuscrito, que ressurgiu, alguns anos depois do fim das atividades da Academia, no Mosteiro de Alcobaça, como texto isolado, fazendo, todavia, menção a outros escritos que o acompanhavam. As etapas que destacaremos desta trajetória serão as seguintes: localização do texto manuscrito; estudo de suas características físicas; estudo de seu conteúdo; detecção dos elementos que propiciaram a resolução do problema; comentários esclarecedores a respeito das soluções adotadas para a resolução do problema. Os resultados da pesquisa levam à seguinte questão: as dissertações sobre a História Militar do Brasil, na academia Brasílica dos Esquecidos, do acadêmico Inácio Barbosa Machado, constituem um conjunto incompleto, por lhe faltarem dados, segundo as características indicadas na sua proposição, ou um conjunto completo, em cuja escrita figura a falha da falta de cumprimento da proposição, defeito que conferiu às dissertações ares de fragmento?

## 2. Trajetória do documento

A história militar no Brasil, inicialmente objeto de discussão previsto na *Notícia de Fundação* da Academia Brasílica dos Esquecidos, merece cuidado especial na apresentação e discussão do seu *corpus*, pois foi o único documento não publicado n'*O movimento academicista* (cf. CASTELLO, 1969-1971, v 1, t 1). Muitas podem ser as razões. Entretanto, a mais plausível parece remeter a um problema de composição das referidas dissertações, sobre o qual discorreremos neste trabalho.

O acadêmico Inácio Barbosa Machado, irmão do bibliógrafo Diogo Barbosa Machado, teve sua produção bibliográfica marcada pela polêmica e pela preferência pela história militar. No Brasil, possui duas passagens em academias – Esquecidos e Renascidos – nas quais a tarefa proposta foi a mesma. Sendo o objeto de nossa discussão é aventar algumas possibilidades para a exclusão do texto do restante dos documentos da Academia, vale registrar dois dados significativos. O primeiro trata do registro manuscrito apostado ao códice alcobacense 367 da Biblioteca Nacional de Lisboa:

---

<sup>1</sup> Financiamento do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP e da FUNDUNESP.

O Padre Frei Bernardo do Amaral, sendo Prior deste Real Mosteiro de Alcobaça, mandou pôr este Livro no Cartório do mesmo Mosteiro que com outros três mais, que tratam da mesma matéria, se acharam no espólio do Padre Mestre Frei João César. Ano de 1761 (BNL Códices Alcobacenses 367, fólho 1).

A alusão aos outros “três mais”, informa, desde já, a localização do manuscrito. Esta informação, de certa maneira, justifica a ausência de papéis de Inácio Barbosa Machado no contexto dos Esquecidos, pois se o acadêmico produziu apenas e tão somente as dissertações históricas, o trabalho pode ter sido feito, inclusive, em Portugal, apesar da menção que o acadêmico faz à presença no Brasil por ocasião da apresentação das dissertações:

Se estivera na Europa ajudara o meu trabalho dos preciosos socorros de tantas Bibliotecas ilustres, mas como escrevi no Brasil contentei-me com o pouco que tinha estudado. Assim desculpe Vossa Excelência os infalíveis defeitos destas instantâneas locubrações, que só poderão ser estimadas na América, e admi tidas na Europa, e ainda mais na Corte de Portugal se Vossa Excelência as receber debaixo de sua proteção excelsa. (fólho 3)

Este fato, entretanto, vem a comprovar que o trabalho não foi feito de uma única vez, pois a apresentação faz menção ao mês de junho de 1725, o que poder-se-ia fazer imaginar na “lapidação” do documento feita *a posteriori*, quando da entrega para a Academia Real da História Portuguesa.

Estas características começam a compor um quadro interessante sobre a existência das dissertações de Inácio Barbosa Machado, as quais efetivamente figurarão entre os documentos da Academia de posse dos portugueses – documentos de teor histórico – nada restando daqueles compostos em versos (os quais possuíam valor historiográfico, mas não seguiam o *modus scribendi* dos historiadores da época).

As dissertações da História Militar do Brasil foram, nesse contexto, objetos de um estudo exegético provocado pela necessidade de se compreender o caminho (quase impossível de se refazer) ou ao menos algumas razões, fossem elas internas ou externas ao conteúdo do texto, para tais desencontros. Essa comunicação começa por discutir aspectos internos da elaboração da obra, os quais se mostraram de um valor inestimável para o entendimento da possível exclusão do texto do conjunto das composições dos Esquecidos.

### 3. Uma proposição pretensiosa

Inácio Barbosa Machado, na Academia Brasílica dos Esquecidos, limitou-se a compor as dissertações históricas, não tendo composto nenhum poema, oração ou qualquer outra modalidade de composição. O seu trabalho, documentado na cota 367 dos Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, divide-se nas seguintes partes:

1. Aparato histórico e panegírico à história da Guerra Brasílica; (Fólho 4v)
2. Primeiro século das Guerras Brasílicas. Em oito dissertações, que ompeendem a guerra que fizemos do ano de 1500 até o ano de 1600 e vitórias que se conseguiram dos naturais da América e Europeus que os auxiliaram nesse tempo; (Fólho 16v)
3. 1ª. em que se trata do descobrimento da Terra de Santa Cruz, ou Nova Lusitânia, vulgarmente Brasil; (Fólho 17v)
4. 2ª. mostra-se como na Escritura Divina profetizado este maravilhoso descobrimento e como os Sagrados vaticínios que prediziam esta felicidade se entenderam neste último século de nossa idade; (Fólho 26v)
5. 3ª. Do descobrimento do Brasil pelos Portugueses. Em que se controverte se quando Pedro Álvares Cabral descobriu a Terra de Santa Cruz eram já conhecidas estas Províncias por naturais da Europa, ou de outra parte do Mundo; Dissertação antecrítica ou apêndice apologético da primeira dissertação da Guerra Brasílica: 1º. estado da questão ao tempo em que se agitou a controvérsia; segundo em que preambularmente se mostra que sempre os sábios tiveram controvérsias especialmente no conhecimento dos dias dos sucessos, como nesta discórdia se deve achar a verdade para segurança da História; 3º. em que se prova pelos Autores do primeiro século da história do Brasil, que não foi descoberto no dia 14, mas no dia 24 de abril de 1500; 4º. em que se prova por gravíssimos Autores do segundo século, como o Brasil foi descoberto no dia 24 de Abril de 1500; 5º. Em que se mostra pela grande força do argumento negativo e mais Histórias as falsas opiniões do Brasil ser descoberto no dia

- 14 de abril; 6<sup>o</sup>. em que se desvanecem as conjecturas e argumentos com que se persuadia a contrária e nova opinião do dia 14 de abril; 7<sup>o</sup>. conclusão de todo este discurso; (Fólio 35v)
6. 4<sup>a</sup>. dissertação da guerra brasílica: em que Geográfica e corograficamente se descreve o Brasil, segundo as suas catorze capitanias; (Fólio 52v)
  7. 5<sup>a</sup>. dissertação da guerra Brasílica: em que se trata se antes do nosso descobrimento do Brasil se houve guerras nestas províncias em que se escreveu as insignes vitórias com que o 3<sup>o</sup>. Governador do nosso Estado destroçou aso Gêntios na Bahia e o seu Recôncavo, e aos franceses e Tamoios no rio de Janeiro; (Fólio 61v)
  8. 6<sup>a</sup>. dissertação da guerra Brasílica: em que se continua a História dos gloriosos sucessos e vitórias insignes do 3<sup>o</sup>. Governador do Brasil, o grande Mem de Sá e se observa as plausíveis circunstâncias do dia 22 de outubro do memorável ano de 1689. (Fólio 71v)

Essas dissertações sobre a História Militar do Brasil, entretanto, não podem ser tratadas apenas “tecnicamente”, como manuscritos a serem transcritos, segundo as normas da crítica textual. Há, no seu conteúdo, uma questão fundamental que requer o trabalho de exegese do texto, levando-se em consideração, por um lado, que a leitura “técnica”, que diz respeito às etapas de transcrição, é perfeita, pois não se apresentam lacunas que impeçam sua compreensão, mas, por outro lado, o seu sentido é incompleto. Apenas à luz da retórica se pode compreender o real problema que habita as dissertações. O que figura fragmento, de fato, não é. Trata-se, na verdade, de um equívoco de estratégia na composição do texto.

Quando da realização de nossa tese de doutoramento, que trata da *Academia Brasílica dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil colonial* (MORAES, 1999), estabelecemos como uma das tarefas de intensificação do debate sobre o período, tornar públicas as dissertações de Barbosa Machado, naquele momento, apresentadas sob a forma de anexo, compondo parte do volume II do trabalho, com transcrição e atualização de nossa autoria, respeitando os critérios de uma edição diplomático-interpretativa, tal como foram apresentados os demais textos da ABE n<sup>o</sup> *O movimento acadêmico* (CASTELLO, 1969-1971).

A realização da tarefa proposta foi a responsável pela direção encontrada para aventarmos algumas possibilidades para a não-publicação dos trabalhos do acadêmico. Estávamos diante de um texto, a um tempo, completo e incompleto. A idéia de completo, nessa oposição, se concretizava na estrutura apresentada pelo acadêmico para a elaboração de suas dissertações, que em tudo obedecia às prescrições retóricas que vigiam na escrita adotada pela Academia. As dissertações possuíam proposição, narração, argumentação, refutação, epílogo e conclusão.

Ao lermos a proposição, deparamos com um projeto ousado: relatar os três séculos de Brasil a partir do ponto de vista das guerras ocorridas no território. Esta proposição não difere das apresentadas pelos demais mestres de história da ABE, por intermédio dos quais se compuseram as Histórias Eclesiástica, Política e Natural do Brasil. O próprio autor da História Militar esclarece o método:

Por conclusão parecia devíamos expor a causa, porque demos o título de Dissertações as partes em que dividimos a História militar da Guerra Brasílica; porém como em lugar separado damos razão deste modo de escrever, para ele reservamos o discurso desta nossa resolução. Diremos agora que toda a nossa escritura se ordena pelos séculos do nosso Império Americano, e por esta causa a separamos em quatro partes a primeira em oito Dissertações ... Na segunda, que é do século seguinte se escreverão 20 dissertações o que ilustrou as armas portuguesas nesta Região. Na 3<sup>a</sup>. que é do 3<sup>o</sup>. Século, ou de 1700 até o presente se trata em seis Dissertações dos casos em que a fortuna exercitou o seu Império com as nossas colônias, e na 4<sup>a</sup>. e última parte difusamente disputamos em 24 dissertações a Justiça de nossas armas, o domínio destas capitanias, a origem destes povos, e tudo o que pode causar dúvida para a segurança do nosso Direito, e conhecimento destas ricas e importantes províncias. (Fólio 14v)

Em segundo lugar, Inácio Barbosa Machado expõe a sua concepção de história:

Terá sim a minha História a verdade por base fundamental do seu edifício. Para a seguir, para a defender, (...). Por tão nobre princípio não será para meu juízo, mas sim mais autêntica a mais verdadeira. Aos Autores de maior nome seguindo narrações falsas, ou tradições populares, deixarei sem a lisonja do meu séquito, e aos Escritores de menor fama, quando falarem com verdade seguirei como parcial dos seus escritos; (...) Bem sei que a muitos será este caminho estranho e a não poucos parecerá novo este método de escrever

porém ignoram, ou aborrecem a severidade da crítica. (...) Não se entenda, que este amor da verdade e este zelo de nossas Histórias é consequência de ânimo e gênio contencioso, porque tão longe está o meu estudo de se<sup>me</sup>lhante desacerto em que não resulta ofensa grave ao candor da mesma História (...) Sim porei o maior cuidado no exame do que achar escrito, não perdoando trabalho, nem omitindo diligência, que não aplique para se conseguir tão necessário, como importante fim. Por esta causa serei vagaroso na produção dos meus escritos, porque sempre desejo que no seu gênero tenham a última perfeição (...) porque se fará crível e quase infinita lição de tantos documentos como pede a História militar de todas as Províncias desta nobre e belicosa parte da América que hoje dominamos. Nem pareça exageração própria, ou encarecimento excessivo o grande exame e diuturno estudo que prometo para escrever os Descobrimentos e guerras do Brasil, porque toda esta minha aplicação é precisa, e toda não basta para revolver a grande cópia de livros pertencentes a nossa América. (...)(fólios 8v-11)

Para Kantor (2004, p. 193), estudiosa das questões historiográficas que envolvem as Academias dos Esquecidos e dos Renascidos, há um projeto de elaboração de história registrada nos escritos das Academias, segundo o qual “os Renascidos faziam clara distinção entre a “memória” e “história”. Por intermédio da cooperação mútua e validação recíproca dos resultados obtidos nas investigações fazia-se a passagem da glosa à crítica”. Já entre os Esquecidos, segundo a própria autora, “o projeto historiográfico (...) contemplou a preparação de quatro dissertações sobre a História Política, Eclesiástica, Natural e Militar” (op. cit., nota 1), o que em determinadas circunstâncias faz diferir um e outro projeto. A concepção de história proposta por Inácio Barbosa Machado, por exemplo, abre caminho para o exercício da disputa que, segundo a autora, não era recomendada pela academia:

A prática da “conversa erudita” demandava um novo tipo de sociabilidade pública. Na Academia dos Esquecidos, por exemplo, havia uma preocupação em definir as regras formais do debate acadêmico, daí as tentativas de diferenciar as “dissertações” das “altercações” e “disputas”. Os acadêmicos esquecidos recomendavam que as dissertações não podiam ser reduzidas ao modelo das disputas (disputationes) tradicionalmente praticado nos colégios jesuíticos (...). A seu modo, Inácio Barbosa Machado combinava estilos e conteúdos: “[...] o suave da História em o contencioso das disputas; o sério da jurisprudência, com o ameno das notícias; e o natural do terreno, com o artificioso dos habitantes, para que igualmente sejam as nossas dissertações agradáveis, e úteis aos professores de História e mestres de Direito” (...) (ib., id., p. 199)

Parece ter sido justamente a inclinação para o debate – procedimento avesso às prescrições da Academia – responsável pelo desvio do rumo das dissertações de Inácio Barbosa Machado. As dissertações do Primeiro Século das Guerras Brasileiras respeitam rigorosamente a cronologia. Entretanto, desgarram-se dos objetivos propostos (cf. as oito partes que compõem a *Dissertação segunda* do autor), ao incluir-se na discussão excessiva preocupação com o descobrimento do Brasil.

#### 4. A execução do projeto

A narração, momento preparatório, ou de estabelecimento de um estado da questão dentro das normas de elaboração do discurso, retoma o evento da descoberta do Brasil como ponto central da sua discussão. E cabe, aí, um dos maiores problemas apresentados pelo texto. Ao propor uma dissertação centrada no primeiro século do descobrimento do Brasil, Inácio Barbosa Machado “empolga-se” com a discussão segundo os critérios evitados pela Academia. Ao iniciar a narração pela história da emancipação de Portugal, ao que segue a apresentação dos primeiros reis e as lutas que tiveram que empreender até a data do descobrimento do Brasil, ufana-se da glória experimentada pela nação no ápice do seu progresso, quando da expansão marítima, deixando-se contaminar pela necessidade da justificativa, esquecendo-se de que as guerras estavam “na outra ponta” do discurso:

Chegando aquele fausto, e glorioso termo em que a Divina Providência dispunha a maior felicidade da Coroa Portuguesa, e com que a sua Misericórdia suavemente ordenava a conversão de tantos povos gentílicos da Ásia, e nações bárbaras da América; declarou com modo admirável os Mistérios de seus oráculos, verificando-se os sagrados vaticínios com que por muitos séculos antecipadamente nos prometia o descobrimento das incógnitas, e dilatadas Regiões da América, e opulentas Províncias do Oriente. Cinco mil, e quinhentos anos (cronologia que entre todos é verdadeira, como extraída do texto hebraico das nossas

Escrituras e aprovada pelos melhores Cronólogos da Cristandade) se reservou à investigação humana este mistério do conhecimento, ocultando o supremo Criador esta Província ao Comércio, e vista dos nossos antigos e só dispensando delas, uma notícia confusa de sua existência, sem dúvida pelos fins que só compreende sua eterna sabedoria, ou para glória dos que elegeu para Missionários da sua Lei, e religião verdadeira (fólio 17v).

A segunda dissertação refere-se basicamente às provas que Inácio Barbosa Machado junta para demonstrar que os vaticínios de que as Sagradas Escrituras já previam a existência de terras ao Ocidente, que depois os portugueses e os espanhóis vieram a denominar América. Em primeiro lugar, estrutura o discurso demonstrando a quais fontes recorre, e em seguida lista e discute cada uma das provas que menciona nas referidas fontes. Elas são basicamente bíblicas, apresentadas segundo o recurso da partição, em que o Autor procura destacar os trechos de possível interpretação obscura, que apontem para a existência das terras americanas. Suas provas são os comentários sobre as vidas dos santos, as histórias eclesiásticas, os santos e os profetas, dos quais Inácio Barbosa Machado retira os trechos para a argumentação. No segundo grupo da partição, o autor discute com base nas provas recolhidas dos livros de São Pedro, Santo Irineu, Cortesão, Santo Hilário, do Profeta Davi, do livro de Jó, de Salomão, Abacuc, da Bíblia dos Setenta, de Sofonias, Abdias, concluindo com a tópica que faculta ao orador a limitação do assunto, propondo que se passe a outra parte da matéria, se havia ou não conhecimento dos Europeus a respeito da existência das terras americanas antes das descobertas.

Este assunto será introduzido pela continuidade do assunto anterior, demonstrando que o orador Inácio Barbosa Machado vem sempre retirando da própria discussão a matéria para o discurso seguinte, de tal sorte que as controvérsias, exceto aquela que vai buscar na oração de Gonçalo Soares da Franca sobre a data de descobrimento do Brasil, são resultado da proposição preparada para que a oração tome rumo tal que permita ao orador colocar em pauta os assuntos mais ou menos engenhosos dependendo do estilo que pretende utilizar:

Por estas, e outras mais Profecias, que não repito se conhece com evidência como foi sempre do agrado de Deus o descobrimento do Brasil, e de como Deus a sua eterna Providência decretou a nação Portuguesa para tão árdua, gloriosa, e felicíssima ação, restava agora expor os argumentos com que não poucos êmulos da nossa fortuna Brasílica persuadem que as Profecias alegadas, procedem nos descobrimentos do Oriente; Porém toda a sua força, e toda a sua eficácia já debilitamos com a verdadeira inteligência que demos aos Divinos oráculos, seguindo aos mais claros Varões que escreveram nesta delicada, e controversa matéria. (Fólio 36)

A terceira dissertação de Inácio Barbosa Machado tem como objeto discutir o conhecimento ou não dos europeus sobre as terras americanas quando da sua descoberta. Feita a síntese da dissertação anterior, da qual foi extraído o problema, expõe-se logo de início a tópica que demonstra a humildade do Autor diante da matéria a ser discutida, recorrendo ao enobrecimento do assunto pelas provas apresentadas, baseadas em Autores consagrados pela erudição dos antigos e contemporâneos. A proposição é a parte seguinte, à qual se juntam provas e argumentação a respeito da defesa que o Autor faz pela parte do não conhecimento anterior daquelas terras. Toda essa parte constitui um prólogo da dissertação, que antecede a primeira parte, ou o apêndice apologético da primeira dissertação, em que se discute sobre a data do descobrimento do Brasil.

No proêmio, discute a importância das provas e o uso que pretende fazer delas, exemplificando com São Paulo e apresentando, ao mesmo tempo, o objeto de suas discussões contra o mestre de história eclesiástica Gonçalo Soares da Franca. A proposição constitui o desafio que faz em nome da controvérsia literária que determinará o ritmo dos parágrafos seguintes.

O primeiro deles funciona como um prólogo à discussão e apresenta a questão, se o Brasil foi descoberto em 14 ou 24 de abril de 1500. O segundo entra na questão da própria oratória, demonstrando que mesmo nas questões mais afastadas e pacíficas sempre alguns Autores tiveram objeto para polêmicas, que exemplifica com alguns casos conhecidos de seus sócios eruditos. O terceiro parágrafo é o conjunto de provas favoráveis à parte que defende, tomando por base as histórias do Brasil e tendo como limite temporal o primeiro século. Acrescenta-se a ele um quarto parágrafo, com provas dos Autores do século seguinte. O quinto trata de refutar as opiniões contrárias à sua posição. É importante ressaltar que essa partição proposta por Inácio Barbosa Machado tem relação direta com a sua concepção do que significa uma prova: ela tem como importância a Autoridade de quem relata, sendo considerada pelos Acadêmicos como documento mais antigo, ou contemporâneo ao fato narrado tanto melhor e mais confiável ela se torna. O sexto parágrafo

funciona como confirmação das discussões anteriores, tomando posição definitiva a favor do descobrimento do Brasil na data de 24 de abril de 1500. Com o sétimo parágrafo, Inácio Barbosa Machado conclui a sua discussão, apresentando provas, segundo ele, cabais para a controvérsia.

Em que se mostra contra os argumentos, e conjecturas do Lente da História Eclesiástica desta Academia o Senhor Gonçalo Soares que o Brasil o Brasil foi descoberto no dia 24 e não no de 14 de Abril do fausto ano de 1500. (...) (Fólio 38)

Esta necessidade de responder aos seus argumentos e conjecturas, e de arrumar os fundamentos, com que defende a opinião de todos os Escritores de Portugal, e dos Estrangeiros, que nas suas Histórias, ou Geografias trataram deste faustíssimo descobrimento; causará alguma difusão no discurso contra o que desejo, e costuma: Porém como se dedica a defesa do que disseram os nossos maiores espero da benevolência pública lhe não mova tédio, ou aborrecimento o ditar-me na impugnação de uma sentença, que desacredita a Autoridade dos nossos melhores Escritores: (...) (Fólio 39v)

Maior “desvio” faz ainda ao executar um epílogo, cujas características efetivam o texto como uma exercício de debate, abandonando definitivamente a noção de dissertação histórica que deveria perseguir na realização de seu intento:

§ 2º

Em que preambularmente se mostra, que sempre  
os Sábios tiveram controvérsias  
especialmente no conhecimento dos dias  
dos Sucessos, e como nesta  
discórdia se deve achar  
a verdade para segurança  
da História. (...)

Nasceu toda esta variedade, de que esses Autores não abraçaram muitas regras, que também desprezou, ou disfarçou o Senhor Gonçalo Soares, e por isso novamente introduziu esta opinião, que refutamos. (...)

Segunda. Que nos mesmos fatos da História, depois dos Autores contemporâneos, seguiremos aos que viveram o século mais próximo ao sucesso, de que se escreve, e não aos que lhe são mais posteriores, ou modernos. Terceira. Que nas Histórias, que se supõem fabulosas, ou que são de Autor de pouca fama, não devem ter crédito algum, quando essa História, ou esse Escritor refuta a razão, e combate a tradição dos mais antigos. Quarta, e última. Que nos devemos apartar da História que sendo descoberta particularmente por Autores modernos, elas não concordam entre si, e diferem em circunstâncias, principais do sucesso, de que já os antigos Historiaram. (...) (Fólio 41)

§ 6º

Em que se desvanecem as conjecturas, e argumentos  
com que se persuadia a contrária, e nova  
opinião do dia 14 de Abril.

Se o que até agora expusemos nos parágrafos antecedentes firmavam o meu acerto com tanta eficácia, que parece demonstração História, espero que não lhe comunicara menos vigor a solução dos argumentos que se lhe opuseram.

Todos se reduzem á grande impossibilidade que haveria, para que descobrindo os nossos Baxéis a Costa do Brasil na altura de dez graus no dia 24 pudessem fazer tanto, como consta das nossas Histórias que obraram até o dia 5 de Maio em que se fizeram na volta do Cabo da Boa Esperança; pois vencidos tantos graus em tão poucos dias fizeram aguadas, recolheram mantimentos e as mais circunstâncias, que já ponderou o Sr. Gonçalo Soares: e se me não engano está epilogada a força das razões, em que fundou este Doutíssimo Lente a novidade da sua opinião, e a que responderemos por partes para mais clareza, e a melhor percepção. (...) Dirá o Sr. Gonçalo Soares que extraiu a base das suas razões de um manuscrito, que de um Bacharel antigo conserva no seu Museu, e que dele se colhem muitas dúvidas contra a infalibilidade da minha proposição. Ao que respondo que semelhantes monumentos servem para desprezo, e irrisão, (...) Também vendo-se na última consternação, dirá que ele confessa, que o descobrimento foi em 24, mas que segundo as conjecturas do seu decantado manuscrito pode-se duvidar se foi em 14 ou 24 do mês de Abril, e que assim totalmente se não aparta da verdade. Mas respondo se que é refugio de quem se acha convencido, porque todos ouviram a sua lição, e que pôs em dúvida, e negou o modo possível o que era assentado como infalível, e tendes visto de toda esta Dissertação que escrevi só com zelo da verdade, e não com as intentações com que o Senhor Gonçalo

Soares sempre quer ostentar estudos, e seguir novidades sem fundamento que obrigue o séquito dos entendimentos e aceitação dos sábios, que sinceramente buscam a verdade. (Fólio 49)

#### §7º

##### Conclusão de todo este discurso

Parece-me que tenho mostrado neste apologético Apêndice quanto seja conforme a verdade o que narrei na primeira parte da Dissertação da guerra Brasília; e o como segundo as regras da crítica, e da História tenho totalmente desvanecido o acerto contrário. Não foi o meu empenho mortificar, mas defender. Entendi que o Senhor Gonçalo Soares levava uma opinião totalmente diversa, do que devemos seguir; e porque o nosso intento nesta Academia é firmar verdades, e não introduzir conjeturas, sem Autoridade, como se resolve o na sua primeira sessão de sete de Março, me pus em campo com as armas, que tendes visto e a que devo sem ofensa da modéstia, ou do respeito, conseguido o triunfar a verdade, e confutar-se e menos provável. Se acaso no progresso disse alguma palavra mais severa, caiu sobre a opinião e a novidade, porque assim o devia fazer, e não sobre o seu Autor, (...) (Fólio 51)

## 5. Onde começa, efetivamente, a narração das guerras?

Apenas na quinta dissertação de Inácio Barbosa Machado apresenta uma proposição de matéria, seguida do conceito que atribui ao termo 'guerra', para dar início à narração das lutas ocorridas nos governos gerais de Mem de Sá, Tomé de Souza e Duarte da Costa. A primeira guerra começa a ser narrada pela tópica que pretende enobrecer as ações do adversário para melhor lustrar a vitória do homenageado, artifício bastante utilizado entre os acadêmicos e que encontramos como uma das tópicos mais comuns nos textos dos Esquecidos. Segundo desenvolvimento comparativo, entre a força dos inimigos e dos portugueses, discorre sobre a luta travada contra os franceses e que culminou com a vitória do governador geral Mem de Sá.

Discute a estratégia utilizada pelo Governador Geral para vencer aos índios, objeto que foi de dissertação anterior, colocada em discussão pelo mestre de história política Luís de Siqueira da Gama, sobre a validade ou não do uso de estratagemas para a consecução das vitórias nas guerras contra os índios. Narra a seguir a continuação da mesma luta, em que os índios contra atacam Mem de Sá e novamente são derrotados, ao que segue o final da dissertação, com a tópica da introdução do novo assunto, narração de mais sucessos dos portugueses frente aos índios do Brasil. Esta nova dissertação se inicia pela tópica da valorização do inimigo, para melhor lustrar a própria vitória, fazendo com que a batalha fosse narrada de maneira mais cruenta.

A conclusão, todavia, é resultado de uma situação inesperada. Inácio Barbosa Machado propôs mais do que conseguiu realizar. Exige o decoro que ao final o autor reveja a sua obra e delimite a síntese ao que realmente elaborou, comprovando, assim, que não fora apanhado de surpresa pelas contingências de um possível abandono das atividades. A sua dissertação final tem todos os lugares de uma dissertação feita para a referida finalidade e não constitui obra inacabada. Por outro lado, a sua dissertação inicial, ou a proposição da tarefa fica comprometida deixando evidente a sua não possibilidade, seja pelo tempo, seja pelo abreviado da existência da Academia, de concluir a proposta, mas com condições de estabelecer um final previsto e prescrito na arte retórica.

Assim finalizaram as vitórias do Rio de Janeiro, e com que Mem de Sá firmou nestas Regiões o Império Lusitano, e com a sua História, as Dissertações do 1º século da guerra Brazilica, que escrevo pelo alto preceito do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Senhor; Fundador, e Protetor desta Academia, o qual olhando a grandeza do seu favor, e não a minha incapacidade por efeito de seu generoso, e augusto ânimo, me decretou a guerra do Brasil para assunto da minha História, e para objeto de minha obrigação. Desejei para obediência, e para sacrifício, não só desempenhar com todas as forças do meu talento, e do meu estudo eleição tão benéfica, mas ainda exceder a minha obrigação como mais delicados escritos porém não igualaram as obras aos votos porque me contento da verdade, e clareza com que escrevi estas - Dissertações da 1ª parte da Guerra Brazilica; Não trabalhei pois o que desejava, mas fiz o que pude, porquanto não falando no aparato crítico de toda a obra, em que na 1ª conferência a dividi a História da guerra do Brasil em quatro partes, sendo a primeira do 1º século também do Brasil, a segunda parte do 2º século que compreendeu os anos de 1600 e fecha no de 1700 a 3ª que trata do presente em que vivemos, e 4ª e última em que largamente, ou como Geógrafo, ou como Jurista, e Teólogo controverto as maiores questões, sobre cuja decisão, pende a Justiça de nossas Armas, e

Domínio das terras e mares; Destas escrevi mais, A primeira Dissertação em que depois de mostrar, que o descobrimento destas Províncias fora generoso prêmio com que a Providência remunerou o zelo das armas do Senhor Rei D. Manoel, tratei Historicamente do mesmo descobrimento que foi no dia 24 de Abril de 1500 como depois pacífica, e larga<sup>mente</sup> defendi nesta Academia, em Dissertação particular. Depois na 2ª Dissertação mostrei como o descobrimento do Brasil feito pelos Portugueses estava já vaticinado pelos Divinos Oráculos acomodando ao Brasil sem violência os lugares, que outros entendiam falar do Oriente, ou Províncias da Arábia, e 3ª Dissertação provei como estas Províncias foram conhecidas de nações antigas, ainda que de muitos nunca foram do outro, visto para o meu respeito de grande autoridade. Na 4ª descreei o Continente da nossa América, dividida em Capitánias, e rodeada com a soberba de nobres Cidades, e fortalecida com a força de vários propugnáculos. Fortalezas, e cidadelas, porque era preciso conhecer-se o País em que as armas Portuguesas conseguirão de seus Inimigos, vitórias tão gloriosas. Na 5ª Dissertação discursi o como houve guerra no Brasil antes do nosso Descobrimento, e como Historiador escrevi a Guerra que houve nesta Bahia, e seu Recôncavo, e tratei das primeiras ações do Grande Mem de Sá, com que abateu, e moderou o desordenado orgulho do Gentilismo desta Província e venceu aos Bárbaros do Rio de Janeiro auxiliados pelas armas de alguns Cavalheiros Franceses. Na 6ª Dissertação continuei em seguir os triunfos deste claro varam daquele século, com os quais derrotou os dos Aimorés, e outros Bárbaros de igual valor, e semelhante fortuna. Na 7ª Dissertação ocupei a escritura nas obras do Grande Estácio de Sá que imitador de seu Tio fez, e obrou tais façanhas, que igualando aos maiores excede o aos Grandes Capitães do Séculos, fazendo-se digno da 1ª fama, e do triunfo com que veio aparecer porque o sepulcro deste Herói não podia ser outro mais nobre que as ruínas de seus inimigos, como ouviu esta Esclarecida, e Excelentíssima Academia. A Dissertação que de presente acabei de ler que sendo a 8ª também é a ultima das que formaram o 1ª século dos nossos vitoriosos exércitos, ou Guerra Brazilica que escrevemos. (fólios 80v-82)

Consideramos, pois, que em termos formais, ao analisarmos os escritos de Barbosa Machado, o exercício da arte retórica, em relação aos textos dos demais acadêmicos, carece de melhor estruturação, pelo fato de não ter um desenvolvimento condizente com a proposição, o que provavelmente, em primeira análise, leva um leitor desatento a atribuir-lhe caráter fragmentário. Se o Acadêmico estruturou um texto de grande fôlego, como consta da proposição, surge daí um novo e mais complexo problema. Em primeiro lugar porque o que diz respeito ao Acadêmico em termos de publicação na Academia inexistente. O que existe sobre o nome, citado em poemas, apontamentos do secretário, designação de tarefas não é de sua autoria. O que se pôde recobrar, contudo, foi um conjunto de dissertações que deveria preencher esta lacuna. Todavia, a leitura mostra que o intento de escrevê-la não logra resultado satisfatório, uma vez que o objeto de análise encontra-se fragmentado.

## 6. Por conclusão...

Por conclusão parecia devíamos expor a causa, porque demos título de Dissertações às partes em que dividimos a História militar da guerra Brasílica; porém como em lugar separado damos a razão deste modo de escrever, para ele reservamos o discurso desta nossa resolução. Diremos agora, que toda a nossa escritura se ordena pelos séculos do nosso Império Americano, e por esta causa a separamos em quatro partes a primeira em oito Dissertações se compreendia a Guerra do primeira Século, isto é do ano de 1500 até 1600. Na segunda que é do século seguinte se escreveram 20 Dissertações o que ilustrou as armas Portuguesas nesta Região. Na terceira que é do 3º século, ou de 1700 até o presente se trata em seis Dissertações dos Casos em que a fortuna exercitou o seu Império com as nossas Colônias, E na quarta e última parte difusamente disputamos em 24 Dissertações a Justiça de nossas armas, o Domínio destas conquistas, a origem destes Povos, e tudo o que pode causar dúvida para segurança do nosso Direito, e conhecimento destas ricas, e importantes Províncias. De modo que sem fastio irmanemos o suave da História em o contencioso das disputas, o sério da jurisprudência, com o ameno das notícias, e o natural do terreno, como artificioso dos habitantes, para que igualmente sejam as nossas Dissertações agradáveis, e úteis aos Professores da História, e aos Mestres do Direito. Com as cláusulas deste último período, deviam tão bem acabar os discursos do aparato, ou Antilóquio da minha História; mas como nas circunstâncias do dia descubro novos motivos para louvar, e engrandecer a Providência do Altíssimo, não deixarei com ingrato silêncio, de as ponderar, ainda que decretou o Excelentíssimo Protetor para celebrar a primeira das nossas conferências

Acadêmicas, e sem dúvida que será mais plausível este dia a toda a posteridade, que será mais plausível este dia a toda a posteridade, que o dia de amanhã. (Fólios 14v-15)

Inácio Barbosa Machado não conseguiu. Sua intenção, vazada no estilo elevado que exigiu a Academia Brasílica dos Esquecidos, manifestou-se instrumento de domínio vocabular e de conhecimento dos procedimentos da retórica. A sua ação, enquanto historiador das Guerras Brasílicas (e posteriormente como Cronista Geral das Províncias Ultramarinas) não foi suficientemente eficaz para organizar um texto que apresentasse, na terminologia atual, coesão e coerência, ficando ambos os aspectos comprometidos por conta do não cumprimento de algumas das prescrições da Academia no que diz respeito à elaboração da história:

“[...] a história escreve as coisas que sucederam realmente, como se obraram, segundo a série dos tempos em que aconteceram; a oratória sim refere as coisas como aconteceram, mas não as relata tão estreita, e rigorosamente, porque antepor, ou pospor os sucessos, conforme o melhor arbítrio do orador (...)” (GAMA, apud KANTOR, 2004, p. 198)

Ao tender à controvérsia, faltando com um decoro interno, em virtude de abandonar a linguagem da história, tal como previa a agremiação, para abraçar a linguagem da disputa “tradicionalmente praticado nos colégios jesuíticos” (ib., id.), Inácio Barbosa Machado além de confrontar publicamente seu sócio Gonçalo Soares (ambos parceiros de Academia dos Esquecidos e que viriam, quatorze anos mais tarde, a se tornarem parceiros de Academia Real da História Portuguesa), ao compor uma seqüência de dissertações desnecessárias para o tratamento do seu objeto de trabalho, dispôs do seu mais importante aliado – o tempo -, vendo-se obrigado a concluir suas dissertações, de maneira abrupta, fora do prazo de existência da Academia (abril de 1724 a fevereiro de 1725), documentando, assim, três vezes sua “falta de decoro”: segundo a retórica, ao não dar conta de cumprir a proposição estabelecida no início de seu trabalho; segundo o comportamento acadêmico, ao confrontar um seu sócio e não cumprir as tarefas determinadas pela ABE, posto que consta dos fólios 2v-3 esta informação:

Esta invoco, e esta espero, receberão os meus escritos a felicidade, que gozam todos a quem chega tão excelente patrocínio, e poderei dizer que a fortuna, que sempre recebi nos meus despachos se comunicou aos meus escritos. A pessoa de Vossa Excelência guarde Deus os anos, que pede a glória do nosso Monarca e a felicidade de toda esta América Portuguesa. Bahia o primeiro de Junho de mil setecentos, e vinte e cinco. (Fólios 2v-3)

## **7. Enfim: fragmento ou texto mal acabado?**

A resposta à questão posta no início do trabalho, ainda que haja muitas outras relativas à pesquisa aprofundada dos caminhos tomados pelos textos da ABE nos arquivos lusitanos e/ou brasileiros, parece, a partir da discussão destes elementos, mais esclarecidas. Não se trata de fragmento. O texto de Inácio Barbosa Machado possui uma unidade, respeita aspectos da retórica praticada entre os acadêmicos baianos do século XVIII, mas não possui conjunto: a proposta não foi efetivamente cumprida, seja pela falta de tempo, seja pela falta de domínio.

## **8. Referências bibliográficas**

BIBLIOTECA Nacional de Lisboa. Cota 367 dos Códices Alcobacenses.

CASTELLO, J. A. *O movimento academicista no Brasil. 1641-1820/22*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Turismo, 1969-1971, 3v, 14 t.

KANTOR, Í. *Esquecidos e Renascidos*. Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec; Bahia: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2004.

MORAES, C. E. M. de. *Academia Brasílica dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil colonial*. 1999. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.